

**PRÁTICAS SOCIOAMBIENTAIS NA INCUBAÇÃO DE COOPERATIVAS DE RECICLAGEM:
EVIDÊNCIAS A PARTIR DA MEMÓRIA COLETIVA E DA ETNOMETODOLOGIA**

ROBINSON HENRIQUE SCHOLZ
UNIVERSIDADE LA SALLE

MARIA DE LOURDES BORGES
UNIVERSIDADE LA SALLE

Empreendedorismo e Negócios de Impacto

PRÁTICAS SOCIOAMBIENTAIS NA INCUBAÇÃO DE COOPERATIVAS DE RECICLAGEM: EVIDÊNCIAS A PARTIR DA MEMÓRIA COLETIVA E DA ETNOMETODOLOGIA

INTRODUÇÃO

O desafios que permeiam o desenvolvimento das cooperativas de catadores no contexto da reciclagem são das mais variadas ordens e necessitam de projetos socioambientais para contribuir com soluções inovadoras, tais como aqueles resultantes de incubadoras universitárias de economia solidária.

Estas ações universitárias de fomento e assessoria à empreendimentos de economia solidária, tais como grupos de artesanato, associações de trocas solidárias, cooperativas de produção de alimentos e cooperativas de reciclagem, são projetos socioambientais que podem se beneficiar junto ao desenvolvimento da extensão e da pesquisa universitárias em um constante diálogo com as práticas de ensino, tanto acadêmicos quanto populares.

Assim, para fins de contextualização do objeto empírico, as ações de uma incubadora universitária de empreendimentos solidários requerem o desenvolvimento de processos metodológicos que orientem as suas atribuições para com os coletivos de trabalho incubados e que contribuam para a redução das desigualdades. Salienta-se que os empreendimentos incubados podem constituir-se de grupos informais, associações e cooperativas, contanto que eles executem práticas democráticas e autogestionárias no seio do trabalho, com vistas à geração de trabalho e renda.

Cabe aqui destacar que as incubadoras contribuem, significativamente, para a melhora das condições de vida dos trabalhadores/as, tanto em aspectos sociais, econômicos e ambientais, resgatando a sua subjetividade, as práticas de interação social e cidadania, além de desenvolver mecanismos diferenciados de inter relações com o meio ambiente, projetando práticas sustentáveis e de transformação social (OLIVEIRA; ADDOR; MAIA, 2018).

Focalizando o contexto deste estudo, sob a ótica da incubação de cooperativas de catadores na Região Metropolitana de Porto Alegre, RS, cabe salientar que muitas ações já foram desempenhadas, sistematizadas e replicadas. Contudo, há aspectos ainda não analisados e/ou aplicados para o desenvolvimento dessas atividades. Em um processo de transformação socioambiental nas comunidades atendidas, se faz importante analisar as memórias dos sujeitos envolvidos no processo de incubação, nos sentido de recriar práticas sociais e de trabalho nas cooperativas, potencializando-as em termos de aumento de renda e gerando conhecimento compartilhado no coletivo, bem como na produção de conhecimento científico.

Neste sentido, a memória coletiva dos sujeitos e grupos que atuam nas cooperativas pode ajudar a criar soluções inovadoras para a sustentabilidade do negócio. Assim, para uma práxis transformadora das realidades vivenciadas nos contextos de incubação de empreendimentos solidários, a etnometodologia pode ser uma metodologia que contribui para as práticas socioambientais em cooperativas de reciclagem. Cabe explicitar que a etnometodologia refere-se a um arcabouço teórico e metodológico criado pelo cientista social

americano Harlod Garfinkel (1967, 2018), cuja atenção analítica volta-se para as (pequenas) ações que embasam a vida social ordinária, para entender como as pessoas (todas as pessoas) organizam a sua vida social, como agem em cada interação para fazer sentido de suas atividades práticas diárias, sejam atividades laborais ou não (COULON, 1995).

O presente artigo apresenta, além desta introdução, o problema de pesquisa e o objetivo, seguido de uma fundamentação teórica, da metodologia, de uma discussão, sendo finalizado com as conclusões.

PROBLEMA DE PESQUISA E OBJETIVO

A partir do desenvolvimento do trabalho de incubação com os cooperados nos quatro empreendimentos de reciclagem da região metropolitana de Porto Alegre/RS, se fizeram muitas observações etnometodológicas, diálogos, reflexões, dinâmicas de grupos e desenvolvimento de mecanismos de gestão, no sentido de poder construir para melhores resultados sobre os objetivos de trabalho de cada uma cooperativas. Diante das ações desempenhadas e refletidas com a equipe da incubadora, conjuntamente com os catadores envolvidos no processo de formação e assessoria, haviam muitas inquietações sobre uma método de trabalho que pudesse sistematizar as práticas de trabalho no sentido de contribuir para os registros documentais, históricos e de memória para as cooperativas, bem como à incubadora. Sob essa perspectiva, emerge o seguinte problema de pesquisa: de que maneira as práticas socioambientais na incubação de cooperativas de reciclagem podem ser desenvolvidas pela perspectiva da memória coletiva e da etnometodologia? Salienta-se que há uma lacuna de pesquisa no que se refere aos estudos sobre memória coletiva nos contextos da economia solidária, bem como no que se refere à metodologia da etnometodologia no mesmo contexto (GUTIERREZ; BORGES, 2019).

Assim, o objetivo deste artigo é analisar práticas socioambientais de incubação de cooperativas de reciclagem desenvolvidas em uma incubadora universitária de economia solidária da Região Metropolitana de Porto Alegre/RS a partir das perspectivas teórica da memória coletiva e metodológica da etnometodologia.

A seguir, é apresentada a fundamentação teórica que sustenta a pesquisa realizada.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O arcabouço teórico do estudo está alicerçado nos conceitos que orientam a memória coletiva (GUTIERREZ; BORGES, 2019; HALBWACHS, 2013), economia solidária (GAIGER, 2015; VERONESE, 2016), incubação de empreendimentos solidários (BORGES; SCHOLZ; CARGNIN, 2015) e cooperativas de reciclagem de resíduos sólidos (SCHOLZ; ROSA; BORGES, 2014). Parte-se do pressuposto que tal construção conceitual interdisciplinar tem potencial para desenvolver o contexto de pesquisa da economia solidária, entendendo os processos de incubação de empreendimentos de catadores de resíduos sólidos um espaço de troca de saberes acadêmicos e populares, no sentido de projetar soluções de inovação e tecnologia sociais.

Assim, os estudos mostram o quanto a atuação de uma incubadora universitária de empreendimentos solidários pode ampliar as relações com os incubados, provendo melhores

práticas sociais de autogestão, solidariedade, valorização dos saberes populares e as trocas de experiências, fomentando a pesquisa aplicada conjuntamente com a extensão universitária. Contribuindo, o processo de incubação requer o respeito na relação entre os formadores (estudantes, professores e técnicos da universidade) e os cooperados dos empreendimentos incubados (aqui também entendidos como formadores), a qual é concebida pela proximidade, compreendendo a lógica relacional freiriana da educação popular e do acompanhamento psicoemocional e psicopedagógico (MATARAZZO; BOEIRA, 2016).

Os mecanismos pedagógicos e de assessoria técnica na incubação possuem um mérito significativo, uma vez que a incubadora engloba a responsabilidade de ser o elo entre a universidade e os empreendimentos solidários, fomentando ambas as partes (PIRES, 2017). Não obstante, a construção de tecnologias sociais orientadas pela ação conjunta entre os atores sociais, desempenham mecanismos que favorecem o fortalecimento da inovação social, a qual tem como potência solucionar problemas das demandas de ordem social, seja dentro de uma organização ou mesmo externo a ela, como o caso das cooperativas incubadas e sua relação com o seu território de atuação na sociedade.

Contribuindo, a inovação social pode ser considerada por duas ou mais visões distintas, porque ela pode viabilizar a transformação social, bem como uma oportunidade de negócio, sendo que ambas podem contribuir para o complexo comunitário, se praticado com ética e com objetivos fins de movimento social (OLIVEIRA; ADDOR; MAIA, 2018). A título de elucidação das ações desempenhadas pela incubadora e os empreendimentos incubados, se destacam a construção de tecnologias sociais de gestão, como o caso de metodologias participativas, práticas democráticas de tomada de decisão, diagnósticos participativos e organização da produção e comercialização, sendo uma motivação para a continuidade da pesquisa e estudos futuros.

Para este artigo o entendimento de tecnologia social é coerente com valores e princípios de transformação social, participação comunitária na solução de problemas comuns às pessoas, simplicidade nos processos, tecnologia de baixo custo e possível de ser reaplicada em diferentes contextos (com os devidos ajustes por conta da cultura, demanda e particularidade do contexto social), bem como ser viável no fomento e geração de empreendimentos populares (DO NASCIMENTO; KREMER, BENINI, 2018).

Levando em consideração as relações sociais entre as equipes (incubadora e empreendimento incubado), se faz relevante compreender os objetivos de cada um para com o processo de incubação, bem como a aderência à proposta, uma vez que sem o alinhamento de um plano de trabalho estruturado, pode haver desinteresse ou rompimento da relação. Assim, na incubação ocorre o crescimento mútuo, podendo ser tratada também, como fomento acadêmico social, devido a troca de conhecimentos e experiências (PIRES, 2017).

Estudos recentes apontam a etnometodologia como uma alternativa metodológica ao desenvolvimento de empreendimentos econômicos solidários, levando em consideração as práticas sociais endógenas alinhados à memória coletiva (GUTIERREZ; BORGES, 2019). Nesta linha de entendimento, cabe aqui destacar os estudos da etnometodologia, que se embasam no entendimento da vida social dos seres humanos como importantes elementos que a sociologia deve se ocupar, uma vez depende o sentido produzido por cada um a partir de suas interações faz com que elas privilegiem as (pequenas e grandes) decisões no seu dia-a-dia (GARFINKEL, 2018; COULON, 1995; BORGES; OSTERMANN, 2012). Além disso, deve-se salientar que não interessa à etnometodologia o que as pessoas pensam, imaginam ou mesmo quais suas intenções (MONTIGNY, 2007). O que é interesse de análise etnometodológica são as práticas sociais evidenciáveis que cada pessoa (foco da análise)

realiza, pois as pessoas explicitam a realidade social diária, corriqueira, por meio da linguagem comum (COULON, 1995). Para que seja possível essa análise etnometodológica, que se refere a uma microanálise, o etnometodólogo precisa conhecer profundamente as competências necessárias utilizadas por cada cooperativa (no nosso caso). São detalhes como a maneira de falar, de conhecer, de entender, que envolvem palavras e gestos (TEN HAVE, 2002). Para isso torna-se necessário a imersão do observador no campo a ponto de ele adquirir a noção de membro (FRANCIS; HESTER, 2004). Noção de membro é um dos fundamentos da etnometodologia, além da prática e realização; indicialidade, reflexividade e accountability (relatibilidade) (COULON, 1995).

Tais microanálises demonstram como as pessoas constroem (discretamente ou não) a sua realidade social evidenciadas em suas ações e interações, e assim construindo a própria organização, coletividade ou cooperativa. (CLIFTON, 2006).

Salienta-se que para a etnometodologia a linguagem é compreendida como ação (SILVERMAN, 1998), uma vez que ela é vista como constituinte das ações sociais, levando-se em consideração a linguagem como característica de cada contexto, quando faz sentido somente naquela circunstância. (COULON, 1995). Há todo um conjunto de conhecimento tácito que todas as pessoas utilizam diariamente para se mostrar como vivendo em um mesmo mundo (COULON, 1995).

Desse modo, uma incubadora necessita de fomento para o desenvolvimento de suas ações conjuntamente com os empreendimentos incubados. Por isso, os editais públicos das agências de fomento, como o caso da FAPERGS e CNPq, são primordiais para a construção de tecnologias sociais, desenvolvimento da inovação social e geração de trabalho e renda por meio da economia solidária com vistas à redução das desigualdades e superação da pobreza.

Sob o ponto de vista da memória social, os estudos podem favorecer a compreensão sobre a atuação de uma incubadora, uma vez que a memória não é uma reprodução do passado, mas antes uma elaboração do passado, colocada em marcha dentro de uma relação eu *versus* outro (ABREU, 2016). Os estudos sobre memória merecem destaque no que diz respeito a compreensão de fenômenos sociais e suas emergências. Compreendendo os conceitos de memória, se deve destacar que a memória social, pode ser descrita, a partir de um dado momento do tempo, em que é possível mensurar os movimentos e ações de um determinado grupo (CORREIA-LIMA; RIGO; SANTOS, 2016).

Nesse sentido, cabe ressaltar que nenhuma lembrança ou mesmo documento é inócuo, pois alguém os montou, os produziu, os guardou de alguma maneira para chegasse até os dias atuais (GONDAR, 2016). Gondar (2016) salienta que deve-se ter atenção justamente sobre essa montagem e sua intencionalidade de destiná-la ao porvir.

A atuação das incubadoras universitárias de economia solidária podem se valer da etnometodologia como instrumento de gestão e de formação com os empreendimentos incubados. A memória coletiva (HALBWACHS, 2013) pode contribuir na formação dos modos de pensar e agir nos contextos da economia solidária (GUTIERREZ; BORGES, 2019).

Na próxima seção a metodologia utilizada neste estudo é apresentada.

METODOLOGIA

Para a estruturação e desenvolvimento desta pesquisa, o método aplicado é qualitativo e descritivo (BAUER; GASKELL, 2002). Para os autores, a pesquisa qualitativa é ideal para observar a efetividade de um programa ou plano, e também que o pesquisador tem como papel neste modelo de pesquisa, ser observador e captar a perspectiva dos entrevistados como um todo, não a partir de uma pesquisa preestabelecida.

Para fins de contextualização do objeto de pesquisa, os processos de incubação foram desenvolvidos por uma equipe multidisciplinar (composta por 2 professores, 1 psicóloga e 3 bolsistas) e projeta a assessoria para cooperativas de catadores e catadoras de resíduos sólidos urbanos nos municípios de Canoas e Esteio, RS, Brasil.

O levantamento de dados foi elaborado por meio da construção do *corpus* documental da pesquisa, o qual inclui 19 entrevistas semiestruturadas com cooperados das 4 cooperativas de reciclagem e equipe da incubadora, 60 cadernos de campo elaborados a partir de 157 horas observações etnometodológicas (GARFINKEL, 2018) por meio da imersão adquirida (FRANCIS; HESTER, 2004) durante as atividades de trabalho e de incubação e documentos em papel e digitais como artefatos da memória (preservar *corpus* documental para a sustentabilidade ambiental e da memória). A coleta de dados ocorreu entre os meses de março de 2018 e julho de 2019.

Nas entrevistas semiestruturadas utilizam-se questões abertas, que dão liberdade de escolha de respostas para os entrevistados, e também permitem que o entrevistador possa interpretar a perspectiva dos entrevistados (BAUER; GASKELL, 2002). Complementando os instrumentos de coleta de dados, os documentos foram coletados segundo as necessidades da pesquisa, pois conforme Roesch (2012), os registros documentais são desenvolvidos no sentido de assegurar as informações e garantir o histórico dos processos desempenhados, aqui entendidos como fontes primárias para o estudo em tela.

Com relação às observações etnometodológicas, Francis e Hester (2004) recomendam que o pesquisador se aproprie da linguagem, dos conhecimentos e das competências específicos de cada ambiente social pesquisado. Para isso, um dos modos dos dados de análise dos dados etnometodológicos é por meio da imersão adquirida, o que exige a presença do pesquisador por muitas horas no mesmo ambiente. Isso ocorre porque o observador precisa habilidades para além de sua expertise conversacional diária (FRANCIS; HESTER, 2004). Salienta-se também que as cooperativas de reciclagem são ambientes restritos e que não fazem parte das rotinas da maioria das pessoas, tal como um supermercado, por exemplo. Sendo assim, ali há maneiras de falar, palavras específicas e conhecimento que somente os que estão diariamente convivendo compreendem facilmente. São essas palavras e ações que compõem a prática social daquele grupo e por isso é importante compreendê-los.

Os dados coletados foram sistematizados e interpretados por meio da análise de conteúdo temática (BARDIN, 2011). Os dados foram agrupados em categorias que permitem a compreensão do fenômeno em tela, sendo analisados com base no referencial teórico da pesquisa.

A seguir, é apresentada a discussão dos dados.

DISCUSSÃO

Os dados da pesquisa apontam para a construção de práticas de incubação inovadoras desempenhadas pela equipe da incubadora juntamente com as cooperativas de reciclagem, uma vez que a memória da atuação da incubadora ao longo dos anos é sistematizada e serve como subsídios de se pensar em avanços no processo do fazer incubagem. Os empreendimentos também sinalizam elementos de memória existentes na assessoria, o que potencializa em estratégias como práticas que permitam a ascensão dos coletivos de catadores e melhora nos impactos ambientais (aumento no volume de resíduos reciclados).

Pode-se salientar que os aprendizados recebidos pelo processo de incubação vão para além das fronteiras das cooperativas, como apresenta o Entrevistado 1:

Para uns é bom e para outros eles não entendem [as atividades de incubação]. É difícil de tentar explicar e até a pessoa querer aprender, tem muitos que não querem mesmo, mas tem outros que já pegam para si aquilo ali e já levam adiante, até ao saírem aqui da cooperativa, vão para outro serviço, no caso de alguns outros aí que saíram, levaram esse conhecimento adiante, do que aprenderam aqui nas atividades feitas pela incubadora.

Os processos de formação realizados no âmbito das práticas de realizadas pela incubadora estão presentes no contexto de trabalho de um projeto socioambiental como o aqui apresentado. Verifica-se que, por meio do dado de entrevista acima, que o trabalho desenvolvido remete à formação para toda a vida, uma vez que as pessoas (re)construem o seu conhecimento e suas experiências nos processos de interação social (OLIVEIRA; ADDOR; MAIA, 2018). No processo de trabalho cooperativo, há a produção de sentidos formativos inerentes ao trabalho da reciclagem, com os quais os aprendizados são significativos. Fora desse contexto, na vida cotidiana em interação com a sociedade, esses aprendizados podem ser reaplicados, gerando novos processos de aprendizagem e constituição da identidade (SCHOLZ; ROSA; BORGES, 2014).

Sobre os processos de autogestão nas cooperativas, essa é uma temática presente no seio do trabalho de uma incubadora de economia solidária, uma vez que devam ser valorizadas a participação das pessoas e as suas opiniões nos espaços de reuniões, a produção no trabalho, a organização e planejamento da cooperativa, bem como a divisão da renda de forma igualitária. Refletindo sobre esse ponto, o Entrevistado 1 informa que:

Em reuniões com o grupo, vocês [equipe da incubadora] perguntam: Vocês aceitam, querem isso? Na hora eu quero, eu quero, eu quero! Porque não sabem dizer o que querem na verdade e depois, que nem essa última agora, foi boa a formação, não teve reclamação, todo mundo gostou foi bem replicado os conhecimentos, eles puderam falar mais. Claro, eles sempre puderam, mas dessa vez, puderam reclamar, que é o que mais gostam, mas puderam, também, achar soluções para o que reclamaram. Isso aí eles gostaram.

Complementando o trecho acima, há a apresentação do Entrevistado 2, que salienta uma visão diferente da realidade, mas ao mesmo tempo, complementar no que se refere ao trabalho realizado pela incubadora juntamente às cooperativas de reciclagem:

As vezes quando se está muito cheio de serviço, ninguém gosta [quando a equipe da incubadora chega para fazer uma atividade com o grupo], porque a pessoa quer terminar o serviço para ir embora, porque está com muito material e quer fazer, então fica meio bravo. Mas depois que vem para reunião entra no embalo e já esqueceu (ENTREVISTADO 2).

Percebe-se que a atuação da incubadora reflete na dinâmica do trabalho, podendo ser interpretada de duas formas: por um lado como um “atraso” no trabalho da reciclagem, uma vez que há uma parada na produção para poder desenvolver a formação proposta e construída com a cooperativa. Por outro lado, como um “aprendizado”, pois nas oficinas e nos encontros entre a equipe da incubadora e os cooperativados, há práticas de formação sendo desenvolvidas e que, de forma gradual e não linear, impactam no desenvolvimento do trabalho e na formação pessoal e profissional (de forma distinta) em cada um dos sujeitos envolvidos (PIRES, 2017). Complementa-se esse raciocínio com base no trecho de entrevista a seguir:

Para nós foi bom que a gente foi aprendendo maneira de que nós tínhamos Leis, que não só tínhamos a ganhar, que antes de entrar nos nunca presididos alguém, não sabia sobre votos, era outra turma que tinha aqui aí éramos donos era uma associação cooperativa, que a gente elege que a gente tem o poder de escolha, aí a gente foi indo, começou as leis a gente começou aprender devagarinho, então a gente foi atrás dos recursos (ENTREVISTADO 2).

No que se refere ao trabalho desenvolvido pelas cooperativas de reciclagem, estas realizam um trabalho que dialoga com a Política Nacional de Resíduos Sólidos e suas aplicações nos municípios. Assim, a equipe multidisciplinar da incubadora contribui para o acesso das cooperativas à política pública, bem como participa ativamente nas discussões públicas da coleta seletiva, negociações com a gestores públicos nos municípios, além de contribuir com inovação neste contexto (BORGES; SCHOLZ; CARGNIN, 2015). Verifica-se que, por meio dos dados, que as cooperativas de catadores articulam diversos saberes, tanto populares quanto acadêmicos, no sentido de poderem desenvolver de forma qualificada, o seu trabalho (MATARAZZO; BOEIRA, 2016). E a incubadora, por meio de suas práticas sociais e da memória social (ABREU, 2016), reconstruem suas ações, aprimoram seus processos e desenvolvem tecnologias sociais.

Pode-se verificar que a incubação também contribui no processo de construção dos vínculos sociais, na forma de comunicação entre as pessoas e na relações autogestionários de trabalho que impactam nas dimensões sociais, econômicas e ambientais (SCHOLZ; ROSA; BORGES, 2014). Esta perspectiva dos vínculos e relações sociais podem ser entendidas com base no dado de pesquisa que diz: “Eu acho que foi a coisa que nós fizemos para parar com as ladaias, pois melhorou. A atividade funcionava assim: a gente falava tudo o que tinha pra falar na reunião, e não ficar mandando a outra fazer, sabe. Assim, isso melhorou muito as ladaias” (ENTREVISTADO 3). Nota-se que os processos democráticos, de comunicação e de memória coletiva são necessários na constituição e gestão das cooperativas, uma vez que não havendo espaços de socialização, apresentação de ideias e busca de soluções para as demandas da cooperativa, estas podem estar fadadas à entropia. Assim, quanto mais espaços de reuniões, diálogos entre os sujeitos, registros de memória coletiva (CORREIA-LIMA; RIGO; SANTOS, 2016), bem como abertura à projetos socioambientais (como as

incubadoras) que contribuam no desenvolvimento do negócio, melhores resultados poderão ser obtidos.

Com base nas observações etnometodológicas, se destaca o seguinte trecho do Diário de Campo 9, da Cooperativa B:

Quando chegamos na cooperativa o grupo estava reunido discutindo decisões que precisavam ser tomadas sobre a inserção da Cooperativa nas atividades de reciclagem do shopping. Chamou a atenção que as coordenadoras M. e J. esperavam pacientemente pela opinião de todos os cooperados. A cooperada haitiana V. irá trabalhar no shopping. A atual cooperada que está no shopping está compartilhando suas ideias sobre igualdade de direitos entre as cooperadas de outras cooperativas, por isso solicitaram seu afastamento. Outras cooperativas não aceitam que o cooperado fale de igual pra igual com a coordenação como é aqui". Explica uma das coordenadoras.

A respeito da memória coletiva em uma das cooperativas, uma das cooperadas lembra dos tempos que trabalhavam a céu aberto no então lixão fazendo a catação individual. Ela exemplifica: "Como hoje...está fazendo muito calor para trabalhar no sol, né. Naquela época não tinha nada para fazer vento para nós. Era chuva, era vento... a gente tomava banho na caixa d'água. Às vezes não tinha água nem para tomar." (RELATÓRIO 12, COOP. B). Observa-se nas memórias que aquilo que foi lembrado, remete a tempos difíceis e que está recheado de sentimentos, de lembranças de um tempo de sofrimento. Nesse sentido, observa-se nesse exemplo a questão da seletividade da memória, a qual, para Santos (2012) está recheada de aspectos afetivos que estão imbricados na temporalidade.

Ainda na Cooperativa B, os olhos para a trajetória da cooperativa, e comparando aquele tempo com a estrutura atual de um galpão fechado, com cozinha e escritórios montados, uma cooperada observa: "Foi da dificuldade mesmo que conseguimos galpão fechado, foi com os projetos que foram vindo... As pessoas foram vindo as nossas dificuldades e vieram ajudando e as gurias (coordenadoras) buscando, indo atrás [...]" (RELATÓRIO 12, COOPERATIVA B). No relatório aparece a fala de uma cooperada que mostra valorização do grupo e das coordenadoras pelas conquistas de um grupo que nada tinha, para poderem trabalhar em uma estrutura considerada boa atualmente. Nesse sentido, observam-se aspectos de uma identidade grupal, em que as vitórias suadas mostram-se como pontos de referência que servem para situar o grupo (CANDAUI, 2014).

O mesmo grupo compara sobre a maneira de agir das atuais coordenadoras e dos coordenadores anteriores, sendo evidenciada na fala de uma das cooperadas dentro do grupo: "As coordenadoras escutam o grupo bastante, porque os outros coordenadores não tavam nem aí para nós. Não tavam nem aí se a gente não tinha um fogão, alguma coisa [...]" (RELATÓRIO 12, COOPERATIVA B). Ao analisar esta evidência, aparece novamente o aspecto da identidade grupal, de como era e de como é em relação à coordenação. A memória coletiva pode ser evidenciada neste grupo no que se refere à coordenação, pois observa-se que essa lembrança refere-se a um grupo de pessoas que se lembram conjuntamente e neste caso concordam porque são membros do mesmo grupo (HALBWACHS, 2013).

Ainda sobre os registros de memória, a Entrevistada 4 relata sua percepção sobre o trabalho da equipe da incubadora e a relação com a cooperativa: "Sim, é bom para nós, porque a gente conversou sobre isso... é que tinha muita ladaia. Aí, a gente conversou sobre as ladaias, como resolver sem fofoca, sem ficar de disse que me disse, que é de ficar de grupinho

separado, tudo isso elas [equipe] ajudaram nós, eu achei que valeu a pena”. O registro de memória sobre o trabalho desenvolvido na cooperativa contribui para o entendimento das práticas sociais desenvolvidas pela incubadora (OLIVEIRA; ADDOR; MAIA, 2018), no que se refere aos vínculos sociais, comunicação, trabalho coletivo, autogestão e participação, uma vez que conforme Gaiger (2015), a economia solidária é movida pelas pessoas para a produção autogestionária de trabalho e renda, tendo os vínculos sociais como elos de sustentabilidade do grupo. Complementa este entendimento da autogestão o trecho do Diário de Campo 12, da Cooperativa B:

Sim, [as decisões são] tudo em grupo. Se é pra comprar uma cozinha, é o grupo [que decide]. Fogão, é todo o grupo. Quando a gente ganha doações também... Ah, se mais de uma [cooperada] quer, e precisa [de alguma doação], a gente faz sorteio, entendeu? Para não dizer aí que foi só a fulana beneficiada. Panelinha, a famosa panelinha não tem mais aqui.

As análises apontam que a etnometodologia pode ser reveladora à reflexão mais profunda às práticas de incubação de cooperativas de reciclagem pesquisadas, levando em consideração a descrição etnometodológica em diários de campo.

Estes dados, associados à memória coletiva - troca entre o individual e o coletivo (HALBWACHS, 2013) e que valoriza vivências em prol da sustentabilidade - apresentam impactos nas cooperativas, permitindo melhor efetividade nas operações da reciclagem. E a recriação da memória coletiva faz com que os cooperados aprimorem suas práticas, gerando inovação social.

A seguir as principais conclusões são delineadas.

CONCLUSÃO

Sem ter a pretensão de uma conclusão final, esta pesquisa procurou analisar práticas socioambientais de incubação de cooperativas de reciclagem desenvolvidas em uma incubadora universitária de economia solidária da Região Metropolitana de Porto Alegre/RS a partir das perspectivas teórica da memória coletiva e metodológica da etnometodologia.

As análises evidenciaram que uma perspectiva interdisciplinar pode enriquecer a compreensão sobre ações de incubadoras universitárias de economia solidária e o contexto empírico de cooperativas de reciclagem quando olhados sob a lente da memória coletiva e da etnometodologia, além da economia solidária. Para além de ajudar a preencher uma lacuna teórica e empírica que é a de valorizar as memórias de contextos vulneráveis, também valorizar as pequenas ações que ali são desenvolvidas diariamente por meio do olhar etnometodológico, ajuda esses grupos a um empoderamento para que possam enfrentar melhor seus desafios. Desafios esses que aumentam quando políticas públicas tornam-se raras, porém as conquistas e avanços já conquistados formam uma base para sua independência.

Ainda há desafios no que refere à recriação da memória coletiva nesses espaços de economia solidária, uma vez pela rotatividade de catadores nas cooperativas, a memória torna-se fragilizada prejudicando a socialização e a sinergia do grupo e da sua sustentabilidade.

Ao final do estudo, se evidencia a efetivação de três estratégias construídas por meio da prática social e vinculadas à memória da incubadora. São elas: a) **resultados concretos**: são as ações que resultam em objeto concreto no contexto das cooperativas, como o caso da melhoria dos processos de produção, mudança de *layout* e aquisição de maquinários; b) **educação solidária**: os processos formativos e de trocas de saberes permitem a maturidade do empreendimento em potencializar ações de impacto socioambiental na sociedade em que pertencem; e c) **práticas sociais baseadas em vínculos**: a constituição de relações sociais saudáveis na incubadora e nos empreendimentos são destaque no processo de incubação desenvolvidos.

Como resultado, a pesquisa desenvolveu a tecnologia social **Etnometodologia na Incubação de Cooperativas**, objeto de outra comunicação. Destaca-se a importância da tecnologia social na incubação de cooperativas e no fomento da transformação socioambiental nas comunidades pesquisadas na Região Metropolitana de Porto Alegre. Sugere-se pesquisas similares em outros contextos de economia solidária, tais como gestão da produção de resíduos, otimização da produção, impactos socioambientais nos territórios e efetividade da economia solidária como forma de empreendedorismo social.

As análises apontam que a atuação das práticas socioambientais na área de incubação foi fundamental para a constituição de cooperativas de catadores de resíduos sólidos urbanos de maneira mais solidária, por meio de procedimentos técnicos de apoio para a gestão das cooperativas e sistematização das ações por meio de educação popular. Com base nisso, se percebe que a atuação no campo da economia solidária potencializa que as incubadoras promovam o desenvolvimento de inovações de produtos e de processos, focalizando suas competências na construção de tecnologias sociais de gestão, como o caso de metodologias participativas, práticas democráticas de decisão e diagnósticos participativos, como a tecnologia social desenvolvida.

REFERÊNCIAS

ABREU, R. Memória social: itinerários poéticos-conceituais. **Morpheus**: Revista de estudos interdisciplinares em memória social, Rio de Janeiro, v. 9, n. 15, p. 41-66, 2016. Disponível em: <http://www.memoriasocial.pro.br/painel/pdf/publ_19.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2018.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Ed. rev. e ampl. São Paulo: Edições 70, 2011.

BAUER, M; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BORGES, M. L.; SCHOLZ, R. H.; CARGNIN, T. D. M. Estratégia-como-prática na economia solidária: resultados e ações de catadores de uma cooperativa. **Desenvolvimento em Questão**. v. 13, n. 31, p. 108-142, jul/set. 2015.

BORGES, M. L.; OSTERMANN, A. C. As divergências na orientação dos participantes no processo de construção de intersubjetividade e suas consequências no processo decisório. **Veredas** (UFJF. Impresso), v. 16, p. 185-196, 2012.

CANDAU, J. Pensar e classificar: memória e ordenação do mundo. In: CANDAU, J. **Memória e Identidade**. Tradução Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2014.

CLIFTON, J. A conversation analytical approach to business communication: the case of leadership. **Journal of Business Communication**, v. 43, n. 3, p. 202-219, July 2006.

CORREIA-LIMA, B. C.; RIGO, A. S.; SANTOS, M. E. P. Memória organizacional e construção de identidade local: uma análise da mobilização e organização social no Conjunto Palmeira. **Administração Pública e Gestão Social**. Viçosa/MG, v. 8, n. 4, 2016, p. 201-269. DOI: <http://dx.doi.org/10.21118/apgs.v1i4.1079>. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/ojs/apgs/article/view/4942>. Acesso em: 05 ago. 2018.

COULON, A. **Etnometodologia**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1995.

DO NASCIMENTO, D. T.; KREMER, A. M.; BENINI, E. G. Economia Solidária e Tecnologia Social: potenciais alternativas de configurações organizativas. **Otra Economía**, v. 11, n. 20, p. 101-118, 2018. Disponível em: <https://revistaotraeconomia.org/index.php/otraeconomia/article/view/12665>. Acesso em: 03 mar. 2019.

GAIGER, L. I. G. A Economia Solidária na Contramarcha da Pobreza. **Sociologia, Problemas e Práticas**, n.º 79, 2015, p. 43-63.

GARFINKEL, H. **Estudos de etnometodologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, [1967] 2018.

GONDAR, J. Cinco proposições sobre memória social. **Morpheus: Revista de estudos interdisciplinares em memória social**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 15, p. 19-40, 2016. Disponível em: <http://www.memoriasocial.pro.br/painel/pdf/publ_19.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2018.

GUTIERREZ, A. L. P.; BORGES, M. L. Memória coletiva, práticas identitárias e etnometodologia na economia solidária. **Contribuciones a las Ciencias Sociales**, julio, 2019.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.

MATARAZZO, G.; BOEIRA, S. L. Incubação de cooperativas populares: representações sociais e tensões entre racionalidades. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, Artigo 10, p. 207-227, Jan./Mar. 2016. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/cadernosebape/article/view/31514/56919>>. Acesso em: 05 ago. 2018.

MONTIGNY, G. Ethnomethodology for social work. **Qualitative Social Work**, v. 6, n. 1, p. 95-120, mar. 2007.

OLIVEIRA, T. C. S.; ADDOR, F.; MAIA, L. As incubadoras tecnológicas de economia solidária como espaço de desenvolvimento de tecnologias e inovações sociais. **Revista Tecnologia e Sociedade**, Curitiba, v. 14, n. 32, p. 38-59, Ed. Especial. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rts/article/view/7855/5074>>. Acesso em: 01 ago. 2018.

PIRES, S. D. Empreendimento, comunidade e território: três objetos de incubação em economia solidária. **Revista Realização**, Dourados, v. 4, n. 8, p. 46-66, 2017. Disponível em: <<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/realizacao/article/view/6883/4317>>. Acesso em: 05 ago. 2018.

ROESCH, S. M. A. **Projetos de estágio e de pesquisa em administração**. 3ª Edição, São Paulo, Editora Atlas, 2012.

SANTOS, M. S. **Memória Coletiva e Teoria Social**. 2.ed. São Paulo: Anablume; Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.

SCHOLZ, R. H.; ROSA, G.; BORGES, M. L. Estratégia como prática e aprendizagem na interação dos sujeitos recicladores: resultados da Incubadora de Empreendimentos Solidários, do Centro Universitário La Salle, Canoas, RS. **Rev. Adm. UFSM**. Santa Maria, v. 7, Edição Especial, p. 141-160, 2014.

SILVERMAN, D. **Harvey Sacks**: social science and conversation analysis. New York: Oxford University Press, 1998.

TEN HAVE, P. The notion of member is the heart of the matter: on the role of membership knowledge in ethnomethodological inquiry. **Forum: Qualitative Social Research**, v. 3, n. 3, art. 21, sept. 2002.

VERONESE, M. V. Associativismo entre catadores de material reciclável urbano. **Contemporânea**. v. 6, n. 1, p. 213-236 Jan.–Jun. 2016.

Agradecimento à órgão de fomento:

Agradecemos ao CNPq (Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento) e à FAPERGS (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul) pelos financiamentos.